

A descaracterização do sistema de domínio imperial romano no Ocidente

Norma Musco Mendes

Abstract

The purpose of this paper is to stress that for the study of the process of desintegration of the Roman Empire it is important the analysis of the social dynamic of the roman-germanic relations. This relationship explains the decisive change within the social and political framework of the communities further to the north in the germanic hinterland from I to IV century A. D.

O estudo da experiência imperial romana apresenta muitas dificuldades diante da insuficiência de documentação que represente as motivações variadas tanto no tempo como no espaço da política externa romana, da parcialidade da documentação textual, a qual nos informa sobre uma visão monolítica de “guerra justa” e da “missão civilizadora” de Roma.

Entendemos que toda concepção unitária e centrista que apresente justificativas sobre a ação imperialista romana como “defensiva”, “acidental”, “planejamento ofensivo”, “intenção coletiva do Estado para formar um Império”, apresenta um caráter apologético, devendo ser complementada por novas questões. Se a prática imperial romana, se suas mentalidades revelam um expansionismo congênito, é preciso supor que os agentes de controle e domínio são marcados de uma maneira ou de outra por esta finalidade fundamental. Resta-nos estudar algo que nos fornecerá uma alternativa às análises da prática guerreira e das mentalidades: o estudo de tipo sistêmico sobre os elementos formadores, de sustentação e de reprodução do sistema imperial romano.

No artigo publicado na Revista *Phoénix* 1997² mencionamos que o estudo das guerras entre Roma e os germanos deve considerar as transformações estruturais, tanto em função das vertentes internas quanto externas ao sistema intra-imperial romano, afastando-nos das abordagens historiográficas baseadas no peso das invasões e penetração dos germanos

para a sociedade romana do IV^o século. Para tanto, se torna imprescindível a conceituação da tipologia de relacionamento entre os romanos e os "outros", a qual implica no estudo de dois processos interrelacionados: as estratégias defensivas e de competição entre o centro e os grupos periféricos e a criação e manutenção de um relacionamento interdependente entre várias comunidades, as quais apresentavam níveis de complexidade sócio-política distintos. Em relação ao primeiro processo parece-nos evidente a permanência da ideologia tradicional expansionista e clientelística representada pela noção de *imperium sine fine*, diante da qual a região de fronteiras era indeterminada, representando uma franja de território, ou melhor, "zonas de diferenciação"³, porém abertas às interações econômicas, políticas e culturais entre aqueles culturalmente diferentes. Logo, nos reportamos ao segundo processo, preocupando-nos em discutir como este relacionamento interdependente atuou como forte agente de transformação.

Sabemos que até o final do II século d.C. o parâmetro do sistema de domínio imperial romano no *limex* reno-danúbiano era caracterizado pela pulverização de tribos (frisões, caucos, bructeros, queruscos, hermunduros, marcomanos, quados, sármatas). De acordo com a adaptação dos conceitos do modelo de centro/periferia de I. Wallerstein para aplicação no mundo antigo⁴, a tipologia de relacionamento entre Roma e seus vizinhos deve ser caracterizada pela rede de trocas e alianças políticas entre as elites cêntricas e locais. Tal tipo de relacionamento inserido numa perspectiva tempo/espço apresentou um caráter dinâmico e contraditório favorecendo a mudança de *status* das periferias, semi-periferias e a própria desertificação das condições iniciais, as quais mantinham e reproduziam a posição cêntrica de Roma e de seu sistema de domínio.

A aplicação destes conceitos parece-nos plenamente plausível na medida em que o contato com os romanos atuou como um agente de mudanças na periferia germânica.

Vejamos as inferências que nos levam a esta afirmação.

O estudo da interação entre os romanos e os germanos deve considerar os diferentes níveis de complexidade sócio-política existentes na região de fronteira, aos quais correspondem três distintos sistemas econômicos. Estes sistemas são definidos pela arqueóloga Lotte Hedeager da seguinte forma:

· sistema romano sobre uma base celta, resultado da conquista romana com uma "civilização arcaica" altamente desenvolvida e incorporada ao império romano;

· sistema celta, formado por reinos vassalos que atuavam como uma zona tampão entre o Império e as tribos germânicas do interior;

-sistema germânico independente mediado, particularmente a partir de 100 a.C., através dos contatos com a região celta.⁵

A interação entre estes três sistemas econômicos não impediu que a Germânia representasse, até as guerras marcomanas, uma espécie de balança política e econômica em relação ao Império Romano. Os dados arqueológicos e a documentação textual nos demonstram o valor das interações comerciais, políticas, militares e simbólicas empreendidas além do *limes* romano. Entretanto, a presença romana era mais poderosa nas regiões próximas da área de fronteira através do controle dos líderes e da política tribal entre os frisios, queruscos, suevos na região do Rio Reno e do Danúbio superior e entre os marcomanos e quados na área do baixo Danúbio. Esta área, numa faixa de 200 Km ao longo do limes, segundo C. R. Whitaker, constituía-se numa franja externa, podendo ser definida como semi-periferia porque era habitada por tribos que agiam como mediadoras entre as províncias e as tribos germânicas independentes. Estas últimas não tinham contato direto com Roma e estavam localizadas mais para o interior da Germânia, numa distância de 400 a 600 Km. A fragilidade do controle romano sobre esta região é comprovado pelo surgimento de fortes alianças tribais que impediram o exército de Q. Varo de avançar em direção ao rio Elba. Em relação a estas tribos os romanos tentaram formar alianças com os líderes germanos que desempenhavam uma posição pró-romana, através de "presentes diplomáticos"⁶.

A atividade comercial romana na Germânia foi bastante significativa, tanto em relação à quantidade quanto à área atingida. As importações provenientes do mundo mediterrâneo são encontradas, em termos atuais, desde o território da Holanda, cruzando o norte da planície da Alemanha em direção aos territórios da Noruega e Suécia e, através da bacia do Rio Vístula atingindo o oeste da Rússia, as terras à leste dos Bálcãs e as planícies e vales dos Rios Dnieper e Don.

Na área de fronteira, a presença de romanos estava, provavelmente aliada a condição de comerciantes que empreendiam o comércio com a população local e também com os germanos. Tácito nos informa que, em 69, quando Brinno, líder dos *cananefates*, chamou os frisios para juntos atacarem os romanos, a área estava repleta de *negotiatores*⁷.

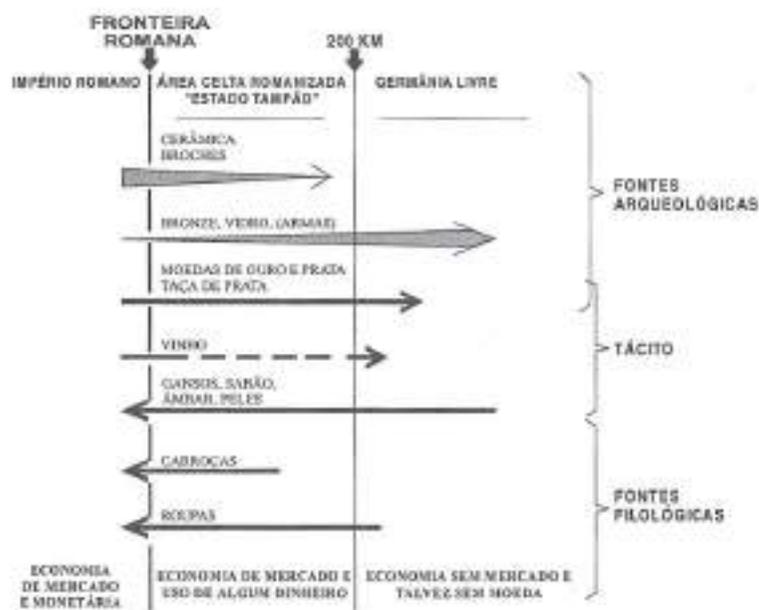
Por outro lado, os germanos não tinham apenas uma posição passiva. A cidade de Augsburg, na Récia, era um importante centro de comércio entre as províncias e os hermunduros, povo que habitava a região do alto Danúbio. Sabemos que Marco Aurélio regularizou o comércio existente entre os marcomanos e as províncias de fronteira, determinando os dias e locais. Tal atividade comercial é considerada de grande importân-

cia, pois a suspensão, em 175, do comércio com os germanos através do Danúbio contribuiu para ampliar a carestia de alimentos entre os marcomanos, impulsionando os ataques deste povo às províncias romanas.

Ademais, era impossível para o exército romano, mesmo no período de grande desenvolvimento imperial, manter seu suprimento nos mercados locais. A alta variabilidade da produção de grãos, que caracterizou o mundo antigo, tornou a importação inevitável e os restos de ânforas importadas encontradas nos acampamentos militares provam que nenhuma unidade militar era abastecida unicamente com recursos locais. Estas importações provinham das regiões imperiais e de áreas além das fronteiras.

A mencionada existência de interação entre distintos sistemas econômicos é comprovada pelos estudos arqueológicos regionais baseados nos índices de concentração de moedas e artefatos, conforme no mostra o gráfico abaixo:

Gráfico nº 1: Sistemas Econômicos no limes germânico



Fonte: HEDEAGER, L. *Empire, frontier and the barbarian hinterland: Rome and northern Europe from AD 1-400*. In: ROWLANDS, M. et alii. *Centre and Periphery in the Ancient World*. Cambridge University Press, 1987. p. 127.

A sistematização dos achados arqueológicos ⁸, acima apresentada, demonstra que as mercadorias romanas, vasilhas de bronze — (vide quadro abaixo) —, taças de vidro ou prata, broches, utensílios diários de cerâmica, armas e moedas de ouro e prata, atingiram toda a Germânia Livre, porém a sua distribuição social não foi uniforme. Reforçou o poder político das elites nativas, responsáveis pelo controle da distribuição destas mercadorias. Em troca destes produtos os germanos forneciam grãos, pele, âmbar, principalmente para o exército, e escravos ⁹.

Quadro n° 1: Porcentagem de vasilhas de bronze de várias partes do Império encontradas na Germânia Livre

REGIÃO			
ÉPOCA	Itália (incluindo Cápua)	Gália	Interior do Rio Reno
50 d.C.	100	0	0
100 d.C.	38	62	0
150 d.C.	0	16	84

Fonte: RANDBORG, K. *The First Millenium A D in Europe and the Mediterranean* (an archaeological essay). Cambridge: Cambridge University Press, 1991, p. 170

Nas regiões mais próximas da fronteira, constituídas pelos reinos vassalos além da predominância de utensílios diários de cerâmica, jóias, moedas, tem-se o registro de construções de um novo tipo de habitação chamado de *villa*, na região do Rio Danúbio médio, no Vale dos rios Moravia, Váh e Hron ¹⁰. Estas amplas casas de madeira, as quais podem ser interpretadas como o resultado da circularidade da cultura romana ¹¹ e germânica, eram habitadas por comerciantes ou militares romanos, ou por príncipes germanos e continham grande quantidade de artefatos romanos.

Os artefatos mais luxuosos são encontrados nas áreas mais longínquas no interior da Germânia, principalmente como resultado dos "presentes diplomáticos".

Portanto, podemos concluir que foi necessário para o sistema imperial romano o desenvolvimento de práticas, as quais visavam capitalizar a interdependência entre o *imperium* e o *barbaricum*. Através da exporta-

ção de produtos para o exército (principalmente grãos, artigos de couro, peles e carne). A obtenção de recursos materiais, também é comprovada pela epigrafia, pois uma inscrição menciona que o governador da Mésia Plauto Silvano Aélío, transportou cem mil transdanubianos para dentro de Império, ao passo que o espólio de guerra permitiu enviar para Roma grande quantidade de trigo¹². Por outro lado, a lealdade política dos *socii* agia como um importante fator de desestabilização dos movimentos de oposição.

Logo, para o sistema de domínio imperial romano as relações patrono-cliente, mantidas e estabelecidas através da troca de presentes e favores, contribuíram de diferentes formas para a mobilização de energia necessária para o seu funcionamento.

Na Germânia, as importações provenientes do mundo romano era a expressão simbólica da rede de alianças sócio-políticas, contraídas no nível individual, a qual exaltava o relacionamento entre os líderes germanos e os romanos, transformando-se num indicativo do conhecimento do estilo de vida romano.

Lotte Hedeager¹³ afirma que durante o Alto Império os objetos de luxo, tais como moedas de ouro e prata, taças de prata e bronze, esporas se converteram em mobiliário funerário, sendo encontrados em tumbas que apresentam uma distribuição irregular numa vasta região, além dos 200 Km de fronteira. Estas tumbas repletas de artigos de luxo são chamadas de *tumbas principesca*s e refletem a criação de um poderoso grupo de líderes locais, ligados à determinadas famílias, os quais controlavam a guerra e empreendiam as alianças entre as tribos. A rede de alianças entre as elites locais foi capaz de mobilizar uma força militar entre as tribos do noroeste da Europa, na época da derrota de Q. Varo e durante as guerras Marcomanas. Este período de formação de alianças tribais, refletido pelas *tumbas principesca*s, foi sucedido por uma crescente estratificação social verificada pela concentração regional da riqueza num número menor de tumbas contendo as importações de luxo romanas. Tais objetos não tinham valor econômico de compra e venda, relacionado com obtenção de lucro ou satisfação de necessidades. Apresentavam um valor simbólico para o processo de competição por *status* e riqueza dentro da estrutura social tribal. As importações romanas devem ser entendidas como mercadorias de prestígio, imprescindíveis para as negociações de alianças, pois circulavam como dotes, tributos e outras formas de pagamentos. Desta forma, parece-nos evidente que tais *bens de prestígio* representaram um importante papel no processo de reprodução social da elite germânica.

Contemporaneamente, à concentração regional destas mercadorias, a arqueologia registra uma mudança no sistema produtivo e nos padrões de assentamento, os quais foram impulsionadas pelo aumento da demanda de excedentes. O direito individual de cultivar os campos comuns da aldeia deu lugar ao direito de posse individual da terra. Registra-se também, a substituição da agricultura extensiva pelo sistema combinado de pecuária e agricultura intensiva em algumas regiões, o deflorestamento e o aumento do tamanho médio das fazendas, as quais passaram a apresentar uma organização mais funcional. O aumento da produção também é atestado pelo maior número de granjas e da estrutura dos celeiros assim como, pelo aparecimento de inovações tecnológicas (novos moinhos de mão, técnicas de tecelagem, fornos aperfeiçoados para a fusão do ferro).

Estas transformações foram acompanhadas pelo surgimento de uma ideologia que legitimava o controle exercido por certos grupos. Assim, a posse de mercadorias de prestígio romanas usada na reprodução social enfatizava a riqueza e o poder. Ao lado do controle destas mercadorias tornou-se imprescindível assegurar o controle da terra e de sua produção, assim como a guerra e a pilhagem, para fornecer à elite os elementos de sustentação dos sistema.

Desta forma, as mercadorias de prestígio romanas foram convertidas em poder político e econômico. Neste contexto, também foi importante a formação de um pequeno grupo germânico, composto por recrutas do exército romano, que adquirira conhecimento da cultura romana e de sua organização militar. Os germanos aprenderam como construir um grande exército, as técnicas de comando hierárquico, as formas de pagamento aos guerreiros e a utilizar novos tipos de armas, o que implica uma especialização e treinamento.

Um sistema social baseado nas relações de parentesco possibilitou a diferenciação entre os homens comuns e uma aristocracia suportada pela produção agrícola de suas propriedades. Um conselho de aristocratas substituiu a Assembléia Geral dos guerreiros típica da época anterior e a função de rei começou a ganhar força. Estas tribos, gradualmente, formavam confederações mais poderosas e representavam uma ameaça mais séria ao sistema de domínio romano do que aquele representado pela confederação dos marcomanos em meados do II^o século.

Estas inferências apontadas pela arqueóloga Lotte Hedeager podem ser confrontadas com outros sistemas expressivos da época, considerando-se a problemática dos símbolos e dos sinais, quer dizer numa perspectiva semiótica de análise dos signos verbais e não verbais.

Sem nos preocuparmos com a elaboração de uma série quantitativa, ou mesmo com uma profunda análise semiótica, recorreremos a uma amostragem destes tipos de discursos.

Na *Germânia*, Tácito constrói um discurso sobre os germanos, no qual utiliza um código de signos verbais para exaltar as “virtudes primitivas” dos germanos como um contraponto à discórdia, corrupção, tirania vivenciadas por ele em Roma. Através do seu discurso fica evidente a posição de submissão dos germanos perante os romanos, os quais preferia controlá-los pela intervenção na política tribal, estimulando a discórdia e a guerra entre as tribos, do que pelo uso da força militar.

A experiência de Dio Cássio como governador da Dalmácia e, posteriormente da Panônia Superior sob Alexandre Severo nos apresenta a seguinte descrição dos germanos interpretada como resultado das invasões de Augusto além do Rio Reno:

“Os romanos se apoderaram de algumas partes (Germânia), não de toda a região, mas apenas daquelas regiões que foram subjugadas. (...) Enquanto isto partes das tropas, lá tinham o hábito de passar o inverno e cidades foram fundadas: os bárbaros, gradualmente, modificavam seus hábitos em conformidade com os padrões romanos, estavam se acostumando a frequentar mercados e a se reunir em pacíficas assembléias. Porém, não esqueciam seus costumes ancestrais, seus hábitos nativos, sua forma de vida independente e nem o poder que gozavam pela força de suas armas. À medida em que iam desaprendendo, pouco a pouco, os seus costumes, por meios indiretos e sob direta e cuidadosa supervisão, não se opunham à mudança de seu estilo de vida e inconscientemente estavam alterando a sua disposição”¹⁴

Esta alteração na “disposição” dos germanos e a mudança no tipo de relacionamento entre romanos e germanos fica bastante evidente na descrição feita em fins do IV século por Amiano Marcelino dos presságios ocorridos no Oriente, os quais foram por ele interpretados como indicativos da aproximação das guerras com os godos e da batalha de Andrianópolis:

Em 359 num elegante subúrbio de Antioquia nasceu “uma criança com duas cabeças, duas arcadas dentárias, barbado, com quatro olhos e duas orelhas muito pequenas, algo que anunciava a desordem pública.”¹⁵

Amiano prossegue descrevendo que por volta do ano de 375

“(...) depois de muitas profecias dos augures e advinhos: os cães pulavam para atrás perante os uivos dos lobos; nunca as aves noturnas ti-

nham cantado aquela espécie de tristes lamentos; o sol permaneceu ofuscado desde a aurora; pelas ruas de Antioquia incessantemente se ouvia a repetição da exclamação sinistra e insolente, a qual havia se tornado expressão comum nas discussões e tumultos do povo: Que Valente seja queimado vivo! (...) um novilho foi encontrado com a traquéia cortada, sinal precursor de funerais e calamidades públicas (...)¹⁶

O sistema de signos não verbais implica na análise iconográfica, a qual se utiliza do estudo das mensagens veiculada pelos enunciados imagéticos. Mensagens produzidas por códigos baseados em objetos independentes da existência de sons articulados¹⁷. Nas figuras abaixo apenas, diante dos limites e dos objetivos deste artigo, a forma de apresentação do corpo como fator de diferenciação entre o romano e o "outro".

Vejamos as figuras¹⁸:



Detalhe da coluna de Marco Aurélio (fins do século II), cujas imagens em alto relevo expressam o potencial ofensivo e superior do exército romano na captura e no extermínio dos germanos.



Sarcófago, datado de fins do século II, apresenta uma iconografia que nos leva a perceber a posição de submissão de um germano vencido pelos soldados romanos frente, possivelmente, ao general romano.



Sarcófago, datado de fins do III século, o qual já expressa um outro tipo de relacionamento entre romanos e germanos. A iconografia deste sarcófago, retrata uma batalha, na qual percebemos que os soldados romanos são representados em posição defensiva contra os "bárbaros", cujo potencial é simbolizado pela imagem de um leão.

Esta amostragem tem como objetivo demonstrar que a mudança da "disposição" dos germanos, a partir do século III é validada pelo diálogo interdisciplinar entre as distintas abordagens e tipos de documentação atualmente utilizadas pelos historiadores para compreensão da cultura das sociedades na Antiguidade, enquanto forma de apreender as transformações das relações sociais.

Portanto, diante do exposto parece-nos adequado o conceito postulado pelo modelo em aplicação, no sentido de que a interação entre o *imperium* e o *barbaricum* foi dinâmica e contraditória, na medida em ampliou o potencial de desenvolvimento da periferia germânica. As sociedades germânicas passaram a apresentar um grau de centralização política e estratificação social sem precedentes. A pulverização de tribos, característica dos séculos precedentes, deu lugar a uma estrutura mais unificada e homogênea, que representou uma ameaça política e militar para o centro imperial em maiores proporções. Isto é evidenciado pela mudança na geografia política da Europa Central em decorrência de novos agrupamentos de povos oriundos da amalgamação de numerosos pequenos grupos, ou mesmo, da formação de confederações ao redor de uma única grande tribo. Durante este processo os alamanos apareceram no sudeste da Germânia como resultado da confederação dos suevos e tribos vizinhas da parte superior do Rio Elba. No alto Danúbio cada vez era maior a presença dos lombardos. Na primeira metade do III^o século formou-se a confederação dos francos pela união de pequenas tribos que habitavam a região entre os rios Reno e o Weser, pressionando as regiões do baixo Reno e costeira. No litoral norte constata-se, ainda, a presença de outro grupo agressivo, os saxões. Ao longo do século III^o, as populações góticas aceleraram o seu movimento de infiltração para o sul e sudeste europeu. A presença dos godos é atestada pelo surgimento de uma unidade goda no exército romano no início do século III^o e pela existência de vestígios arqueológicos da cultura Sântana de Mures/Cernjachov, a qual foi associada com a ocupação goda na região norte do baixo Danúbio e do Mar Negro¹⁹. Estas confederações de tribos apresentavam como base econômica principal a pecuária ou a agricultura, viviam em aldeias (*pagi*) localizadas nas áreas mais férteis. Pela descrição de Amiano Marcelino sobre os ataques romanos ao território dos alamanos ou dos godos, percebemos que a base econômica era adequada para circunstâncias normais, pois a destruição da colheita e a dispersão ou morte do gado provocavam fome e os levavam a capitulação²⁰. Esta precária condição econômica tornava-os dependentes do comércio com o império para complementar o abastecimento de víveres. A importância disto é revelada pelo uso fre-

quente de concessões ou proibições do direito de comércio nas relações diplomáticas²¹.

O aparecimento destas tribos marcou uma nova fase nas relações entre os povos do norte e o mundo romano. A força dos bárbaros e a necessidade de novas áreas de assentamento ampliaram-se e os conflitos externos durante o período de 200/284 comprovaram que o poderio romano na Europa Central já podia ser desafiado. Apesar dos sucessos das campanhas militares romanas a pressão germânica apresentou um caráter recorrente e significou o fim da antiga linha de fronteira, pois, as regiões da Dácia ao norte do Danúbio e dos *Agri Decumates*, foram abandonadas pelos romanos.

Zósimo²² nos diz que os godos, mortos de fome, invadiram a Macedônia em 269 em busca de alimentos. Problema que persistiu e foi agravado pela movimentação dos hunos em direção ao oeste europeu²³, pois Amiano aponta a falta de alimentos como o principal motivo da invasão gótica do ano de 376 que e, juntamente com os desmandos administrativos dos funcionários imperiais da Trácia, causou a batalha de Adrianópolis²⁴. O mesmo motivo é relacionado à invasão dos alanos em direção às estepes russas, em busca de alimentos principalmente para o gado²⁵.

O aumento da demanda de víveres também foi uma realidade para os romanos, principalmente pela ampliação do efetivo militar e do uso da cavalaria após a batalha de Adrianópolis²⁶.

Amiano Marcelino narra com riqueza de detalhes a aflição de Juliano diante do atraso na chegada dos suprimentos provenientes da região da Aquitânia para o abastecimento de suas tropas na Gália. Procurando contornar a situação, Juliano empreendeu uma campanha militar para apoderar-se da colheita dos *chamavi* e dos sálios e também para manter o acesso do Rio Reno livre e seguro para as embarcações provenientes da Britânia²⁷.

A mesma preocupação em garantir víveres é demonstrada pelo tratado de paz feito por Juliano, em 358, com os alamanos, no qual ficava estipulado que os alamanos enviariam grãos. Algo que não foi possível porque o território dos alamanos também havia sido saqueado²⁸. A rota de suprimento de trigo proveniente da Britânia para o exército da Gália sofreu contínuos ataques de saxões, francos, frisios. Problema semelhante ocorreu nas áreas da Ásia Menor e do atual sul da Rússia, de onde provinha o trigo que abastecia os exércitos dos Balcãs. Logo, os enfrentamentos entre romanos e germanos ao longo do Baixo Império é explicado pela competição por recursos, principalmente víveres.

No cenário mundial, o ciclo hegemônico exercido pelo Império Romano após cinco séculos sofreu um processo de contração territorial, pois

passou a competir com novos centros sócio-econômicos e políticos, cuja conquista, controle ou mesmo a assimilação mostraram-se impossível. Os parâmetros tecnológico e demográfico inerentes à estrutura imperial romana impediram a criação de novos mecanismos sócio-políticos e econômicos que pudessem assimilar as transformações da sociedade germânica.

Ou melhor, podemos resumir parafraseando C. R. Whittaker:

"(...) o Império Romano às vésperas das invasões bárbaras do final do II^o e III^o séculos alcançou os limites naturais da sua expansão econômica proveitosa. Embora o processo de estabilização tenha criado unidades políticas dependentes, as expandiu além das fronteiras, destruindo as condições de sua própria existência"²⁹

Em suma, A Germânia constituiu-se, até as guerras marcomanas, numa espécie de balança política e econômica em relação ao Império Romano, pois a rede de contatos comerciais e a formação de alianças com a Germânia apresentou um importante valor sistêmico.

Esta afirmativa nos leva a questionar a definição generalizada, apesar das diferenças cronológicas e espaciais, defendidas pelos "primitivistas" e "substantivistas", principalmente em relação à atividade comercial, a qual é vista de forma minimizada, excluída das condições de produção e alijada do processo de reprodução social. Este último articulado apenas aos fatores extra-econômicos. Tal visão estabelece uma grande distinção entre o comércio de mercadorias de primeiras necessidades (alimentos) e o comércio de mercadorias de luxo. Concordamos com os especialistas que defendem a necessidade de relativizar esta diferença, buscando as especificidades das práticas econômicas durante a Antiguidade Clássica³⁰.

O comércio de mercadorias de luxo, apesar do seu alto custo, também atuou como uma forma de mobilização de energia, através da acumulação de metais, escravos, âmbar, seda, marfim, estanho³¹, produtos essenciais para a economia das sociedades antigas. Por outro lado, os artigos de luxos obtidos, através das relações diplomáticas ou clientelísticas, na forma de presentes ou doações devem ser definidos como *bens de prestígio*, diante do seu alto valor simbólico. A monopolização dos artigos de luxo, portanto, atuaram como agentes sócio-econômicos, não em função da quantidade e sim pelo valor da mercadoria em relação ao seu potencial para a reprodução e transformação do sistema social.³²

Notas

¹ FRÉZOULS, E. "Sur l'historiographie de l'imperialisme romaine". *Ktema* 8: 141-162, 1983.

² MENDES, N. M. "O Limes Reno-danubiano: Conceito e Prática no Alto Império". In: PHOENIX /UFRJ. Laboratório de História Antiga, Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997. Pag 321/335.

³ WHITTAKER, C.R. "Trade and Frontiers of the Roman Empire". In: WHITTAKER, C.R. and GARNSEY, P. (edit). *Trade and Famine in Classical Antiquity*. Cambridge University Press, 1983. pag.113.

⁴ Vide EKHOLOM, K. and FRIEDMAN, J. "Capital" Imperialism and Exploitation in Ancient World Systems. In: FRANK, A.G. and GILLS, B.K. *The World System: Five hundred years or five thousand?*. Routledge: London, 1993. p. 59/80. ROWLANDS, M. "Centre and Periphery: a review of a concept". In: ROWLANDS, M. et alii. *Centre and Periphery in the Ancient World*. Cambridge University Press, 1987. CHAMPION, T. C. *Centre and Periphery. Comparative Studies in Archaeology*. London: Routledge, 1989; SANDERSON, S.K. (ed.) *Civilizations and World Systems. Studying World — Historical Change*. London: Altamira Press, 1995. WALLERSTEIN, I. *Impenser la science sociale pour sortir du XIX siècle*. Paris: PUF, 1995.

⁵ HEDEAGER, L. "Empire, frontier and the barbarian hinterland: Rome and northern Europe from AD 1 - 400". In: ROWLANDS, M. et alii. *Centre and Periphery in the Ancient World*. Cambridge University Press, 1987. p. 126 e FLEMING, M.I.D'Agostino, "A Cultura Romana e os Povos do Norte Europeu". In: *Clássica*. Suplemento 2, Araraquara: UNESP, 1993. p. 251/260.

⁶ Idem.

⁷ Hist. 4.15.

⁸ Vide HEDEAGER, L. "Empire, frontier and the barbarian hinterland: Rome and northern Europe from AD 1 - 400". In: ROWLANDS, M. et alii. *Centre and Periphery in the Ancient World*. Cambridge University Press, 1987. p. 127 e FLEMING, M.I.D'Agostino, "A Cultura Romana e os Povos do Norte Europeu". In: *Clássica*. Suplemento 2, Araraquara: UNESP, 1993. p. 251/260, WHITTAKER, C. R. Op. Cit. e RANDSBORG, K. *The First Millenium A D in Europe and the Mediterranean (a Archaeological Essay)*. Cambridge University Press, 1991 e TODD, M. *The Early Germans*. Oxford: Blackwell, 1995, Cap. V.

⁹ Vide Nash, D. "Imperial Expansion under the Roman Republic". In: ROWLANDS, M. et alii. *Centre and Periphery in the Ancient World*. Cambridge University Press, 1987.

³⁰ WHITTAKER, C.R. *Frontiers of the Roman Empire. A social and economic study*. London: Johns Hopkins University Press, 1994. p. 115 e RANDBORG, K. Op.Cit.p. 171.

³¹ O conceito de circularidade ou dialogismo significa que "Os enunciados não são indiferentes uns aos outros, nem autosuficientes; são mutuamente conscientes e remetem um ao outro (...) cada enunciado é pleno de ecos e reverberações de outros enunciados, com os quais se relaciona pela esfera da comunicação verbal (...) cada enunciado refuta, confirma, complementa e depende dos outros; pressupõe que já são conhecidos, e de alguma forma os leva em conta." STAM, R. *Bakhtin — Da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática, 1992. p. 73.

³² Apud WHITTAKER, C.R. *Ibidem* pag. 45.

³³ HEDEAGER, L. Op. Cit.

³⁴ *Hist.* 56.18.

³⁵ *Res Gestae*, 19. 12, 19.

³⁶ *Res Gestae* 31. 1-4.

³⁷ Vide CARDOSO, C. F. "Comentário II". In: *Anais do Museu Paulista — História e Cultura Material*, São Paulo: USP, nº 1, 1993, pp. 35-40; LAGOPOULOS, A-P. "Semiotics and Archaeology — The symbolic meaning of art and space in imperial Rome". *Revista de História da Arte e Arqueologia n. 2*, Campinas: IFCH — UNICAMP, 1995/1996 e CARDOSO, C.F e MAUAD, A.M. "História e Imagem: Os Exemplos da Fotografia e do Cinema". In: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (orgs.) *Domínios da História*. Rio de Janeiro, Campus, 1997.

³⁸ Estas figuras foram tiradas do CDROM *History through Art: Ancient Rome*, Zane Publishing, Inc. and CLEARVUE/eav, Inc, 1995. Viewer pages 1 and 194.

³⁹ LEE, A.D. *Information and Frontiers*. Cambridge University Press, 1993. e BURNS, T. "The Ostrogoths (Kingship and society)". In: *Historia*. Wiesbaden, 1980, nº 36. p. 29-55.

⁴⁰ *Res Gestae* 16.11.14; 17.10.9; 18.2.19; 29.4.7; 31.1.8; 31.4.5; 31.12.8; 31.12.8.

⁴¹ *Res Gestae* 27.5.7.

⁴² *Nueva Historia* 1.45.

⁴³ *Res Gestae* 31.2.1-2; 31.3.1-8; 31.16.3.

⁴⁴ *Res Gestae* 31.4.1-6; 31.11.5; 31.13.1-7; 31.15.2.

⁴⁵ *Res Gestae* 31.2.18.

⁴⁶ VEGÉCIO. *Arte Militar*. I. 20.

⁴⁷ *Res Gestae* 17.8.1 e 17.8.7-9.

²⁸ Res Gestae 17.10.9 .

²⁹ WHITTAKER, C.R. "Trade and Frontiers of the Roman Empire". In: WHITTAKER, C.R. and GARNSEY, P. (edit). *Trade and Famine in Classical Antiquity*. Cambridge University Press, 1983. p.117.

³⁰ ANDREAU, J. Présentation: "Vingt ans après L'Économie antique de Moses I. Finley". In: *Annales*. 50^e année — n° 5, Septembre — Octobre, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 1995. P. 947 — 960.

³¹ TÁCITO. Germ. 45.

³² Vide SCHENEIDER, J. "Was There a Pre-capitalist World-System". In: *Peasant Studies*. Vol. V, N° 4, October, 1976. pag.20/29.; CARDOSO, C. F. "Economia e Sociedades Antigas. Conceitos e Debates." In: *Clássica* S. P. ano V, Vol. 1, 1988, p. 12.